

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

DIMENSÕES MORAIS DA CONTRACEPÇÃO: UMA VISÃO BÍBLICO-CRISTÃ

Rogério Stencil Arrais

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

TCC apresentado em dezembro de 2004

Orientador: Emilson Reis, MTP

rogerio.arrais@iabc.org.br

RESUMO: O propósito deste estudo é analisar os principais pontos envolvidos na utilização de contraceptivos e a compreensão que existe sobre o assunto no meio cristão. Examinar se os métodos utilizados pela sociedade respeitam as normas ético-cristãs e, além disso, fornecer subsídios para o uso dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: ética bíblico-cristã, planejamento familiar, contracepção, sexo.

Moral dimensions of contraception: a christian-biblical view

ABSTRACT: The purpose of this study is to analyze the majors points related with the use of contraceptives and the understanding about this issue in Christian circles. It investigates if methods of common usage in society coadunate with Christian-ethical norms. It also intends to provide guidance concerning their usage.

KEYWORDS: Christian-biblical ethics, family planning, contraception, sex.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
CURSO DE TEOLOGIA

DIMENSÕES MORAIS DA CONTRACEPÇÃO
UMA VISÃO BÍBLICO-CRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito parcial
à obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por
Rogério Stencil Arrais
Dezembro de 2004

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
CURSO DE TEOLOGIA

DIMENSÕES MORAIS DA CONTRACEPÇÃO
UMA VISÃO BÍBLICO-CRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito Parcial
à obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

ROGÉRIO STENCEL ARRAIS

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Emílson dos Reis
Professor de Teologia Aplicada

Avaliação

Ruben Aguilar
Professor de Teologia Histórica

Data da Aprovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULOS	
1. PLANEJAMENTO FAMILIAR.....	3
1.1 RAZÕES PARA TER FILHOS.....	3
1.1.1. As crianças são um dom.....	4
1.1.2. Os filhos são uma bênção.....	4
1.1.3. Os filhos são uma prova tangível do amor do casal.....	5
1.1.4. Os filhos realizam um desígnio da mente humana.....	5
1.2. RECÉM-CASADOS.....	6
1.3. EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA.....	6
1.4. ORDENANÇA BÍBLICA.....	8
2. CONTRACEPTIVOS DO PONTO DE VISTA CRISTÃO.....	10
2.1. ARGUMENTOS CONTRA O CONTROLE DA NATALIDADE.....	10
2.1.1. Controlar é desobedecer ao mandamento de Deus.....	10
2.1.2. Controlar é um assassinato incipiente na intenção.....	11
2.1.3. O propósito do sexo é a procriação.....	11
2.2. RESPOSTAS AOS ARGUMENTOS CONTRA O CONTROLE DA NATALIDADE.....	13
2.2.1. O mandamento de Deus é geral, não específico.....	13
2.2.2. O controle da natalidade não é um assassinato incipiente.....	14
2.2.3. A procriação não é o único propósito para o sexo.....	15
2.2.4. A Bíblia não condena o controle da natalidade em geral.....	15
3. QUESTÕES POLÊMICAS SOBRE CONTRACEPTIVOS.....	17
3.1. ABORTIVOS COMO CONTRACEPTIVOS.....	17
3.2. PRESERVATIVO CONSIDERADO COMO MAL MENOR.....	18
3.3. ESTERILIZAÇÃO.....	20
3.3.1. Terapêutico.....	20
3.3.2. Contraceptivo.....	21
3.3.3. Eugênico.....	21
3.3.4. Social.....	21
3.3.5. Punitivo.....	22
3.4. CONTRACEPÇÃO E INTERESSES POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS.....	22
3.5. CONTRACEPÇÃO E ADOLESCÊNCIA.....	23

3.6. CONTRACEPÇÃO E JUVENTUDE.....	24
CONCLUSÃO.....	26
BIBLIOGRAFIA.....	28

INTRODUÇÃO

Na construção e estabelecimento de um lar, existe a preocupação sobre a quantidade de filhos. Muitas famílias possuem um planejamento familiar adequado às condições econômicas do país e às do próprio casal. Além disso, os casais estão sujeitos a outros fatores que são postos na balança ao planejarem a chegada de um filho ou filha. Neste planejamento incluem-se também os métodos contraceptivos que podem adiar a vinda de um bebê, ou mesmo, impedi-la para sempre. Porém, será que há implicações teológicas com respeito aos contraceptivos disponíveis? Que métodos estão disponíveis para este fim? Estariam estes métodos de acordo com a moral e ética bíblico-cristã-adventistas?

O propósito deste estudo é analisar os principais pontos envolvidos na utilização de contraceptivos e a compreensão que existe sobre o assunto no meio cristão. Examinar se os métodos utilizados pela sociedade respeitam as normas ético-cristãs e além disso, fornecer subsídios para o uso dos mesmos.

Pode ser notada a pouca quantidade de pesquisas feitas neste sentido. Embora o assunto, quando levantado, a princípio não pareça demonstrar grandes dificuldades de interpretação ética ou de aplicação prática, pode, porém, trazer a luz questões de vida e morte e, por isso, atingir diretamente os mandamentos de Deus para o homem.

O estudo não explicará detalhadamente a utilização de um contraceptivo. Ele enfocará as questões éticas levantadas no meio acadêmico, bem como sua prática em geral pelo ser humano.

Creemos que existe pouca informação sobre o uso apropriado de contraceptivos, principalmente entre a classe economicamente mais pobre, porém, pessoas bem informadas também podem estar usando contraceptivos de forma

contrária à ética bíblica. A igreja tem o papel de orientar sobre o assunto. Ela não deve se omitir, nem tentar impor sua visão e assim controlar a consciência dos membros de forma arbitrária. Contudo, é possível observar que em muitos lugares ou em muitas ocasiões faltam orientações apropriadas tanto para os solteiros quanto para os casados.

Antes de justificar este ou aquele método contraceptivo ou de defender ou não sua utilização, o primeiro capítulo tratará da importância do planejamento familiar e das questões envolvidas na procriação. O segundo capítulo apresentará os argumentos que são utilizados por alguns especialistas contra os métodos contraceptivos, e a contra-argumentação levantada por outros especialistas. No terceiro capítulo serão apresentadas mais algumas questões sutis, como por exemplo, a utilização de contraceptivos por motivos de interesse político e também o tema da esterilização.

CAPÍTULO 1

PLANEJAMENTO FAMILIAR

Nos tempos antigos a falta de filhos era uma vergonha para o casal, principalmente para a mulher, que era considerada como amaldiçoada por Deus (Gn. 20:18; Dt. 7:14). Hoje existe, ainda, uma certa cobrança por parte da sociedade para que os casais tenham filhos. Porém, as circunstâncias do mundo têm feito com que as pessoas pensem mais e considerem alguns fatores antes de assumirem a vocação de pais e mães. Alguns deles refletem sobre a quantidade de filhos, sobre a hora certa para os criarem e muitos deles optam por adiar durante algum tempo a chegada de um bebê. Para esta última finalidade o casal necessita analisar os métodos contraceptivos apropriados para as circunstâncias sócio-físico-econômicas do casal.

Porém, antes de falar em contracepção, faz-se necessário mostrar as razões para um casal planejar e ansiar a chegada dos filhos. Vendo os benefícios e cuidados da concepção eles poderão lidar de forma correta com a contracepção.

1.1 RAZÕES PARA TER FILHOS

Os filhos podem ser desejados por uma série de razões. Muitos pais podem ter boas razões e outros podem até almejá-los por razões negativas ou egoístas. Alguns deles também, infelizmente não são planejados ou desejados, mas para um casal que preza por sua família há bons motivos para se ter filhos. Lahaye cita quatro razões: as crianças são um dom, uma bênção, uma prova tangível do amor do casal e realizam um desígnio da mente humana (Lahaye, 1986 p.183). A seguir cada um destes itens será discutido.

1.1.1. As crianças são um dom

Os seres humanos criados a imagem de Deus têm a capacidade de procriar o dom da vida, podem continuar a obra iniciada por Seu Criador. O ser nascido também recebe a capacidade de produzir outros seres com livre arbítrio. Estes seres através da aceitação de Jesus como Salvador podem obter vida eterna que foi o plano original de Deus para o homem. Portanto o dom da vida é perpetuado através da procriação.

1.1.2. Os filhos são uma bênção

Uma das maiores alegrias para os pais é verem o desenvolvimento de uma criança, desde seu nascimento, infância, adolescência e vida adulta. Elas são fonte de alegria no lar. Apesar das possibilidades de doenças, fracassos, dificuldades financeiras, e quase todos os tipos de problemas que crianças e jovens podem trazer, a procriação vale a pena por este envolvimento e crescimento mútuo que existe dentro do lar.

O lar é um bem precioso para a humanidade, e deve ser protegido contra os ataques do Inimigo. Os pais ao receberem seus filhos entendem mais o profundo amor de Deus, e as crianças, com o auxílio dos pais, podem crescer estáveis fisicamente, mentalmente, socialmente e espiritualmente, para a glória de Deus.

“Por vezes os homens consideram os filhos como ‘uma grande responsabilidade’, ‘um peso financeiro’, ou ‘um acidente’, mas a Bíblia os considera ‘uma bênção’” (Ibid. p. 179). Ela ainda acrescenta sobre a bênção de gerar filhos: “Feliz o homem que enche deles a sua aljava” (Sl. 127: 5, RA). Utiliza uma linguagem figurada comparando os filhos a flechas e a seguir diz que felizes são aqueles que enchem sua aljava de flechas.

1.1.3. Os filhos são uma prova tangível do amor do casal

Os pais podem enxergar de forma palpável o resultado do amor que têm ao se tornarem “uma só carne”, e reproduzirem uma pessoa de uma só carne, que é uma combinação dos dois. Os traços apresentados pelos filhos estão ligados às feições e características paternas e maternas, o que confere valor e apreciação. “Portanto, o plano de Deus era que os filhos fossem uma manifestação do amor dos pais” (Ibid. p. 180).

1.1.4. Os filhos realizam um desígnio da mente humana

O homem foi dotado com este instinto de se tornar pai, mãe, avô, avó. Sua estrutura mental está condicionada a procriar-se. Isto é natural no ser humano, e para que ele possa se completar, uma das realizações é se tornando pai ou mãe. “Deus nunca ordena ao homem que faça nada que não esteja de acordo com sua estrutura mental. O melhor modo de se descobrir os mecanismos mentais do homem é estudar os mandamentos de Deus na Bíblia. Pois ele colocou na mente do homem uma estrutura psíquica que só opera harmonicamente quando este obedece aos seus mandamentos” (Ibid.). Aqueles que por algum motivo não podem ter filhos, “a graça de Deus lhes basta”, porém aqueles que egoisticamente se recusam a gerar filhos, deixam de receber a gratificação de estar em harmonia com o processo natural colocado pelo Criador.

Acima foi visto a valorização da concepção como um plano estabelecido pelo Criador e que os casais, por conseguinte, também devem valorizar. A seguir, analisaremos o que ocorre com os casais atuais na hora de planejarem seu lar em relação ao momento mais apropriado para a chegada e à quantidade de filhos.

1.2. RECÉM-CASADOS

Muitos casais escolhem não ter filhos, pois não querem assumir a responsabilidade, ou porque não querem que os filhos atrapalhem suas carreiras profissionais ou seus interesses pessoais. Justificativas consideradas egoístas se tomados em consideração apenas estes motivos. Contudo, há casais que desejam aguardar um pouco, pois esperam construir um ambiente melhor para eles, ou esperam estabilizarem-se profissionalmente para então trazer à luz bebês com melhores condições de vida. Motivos justos e sábios, pois o primordial é planejar. Muitos lares naufragam por falta de planejamento, e os filhos são colocados em situações difíceis, pois não encontram um ambiente apropriado para se desenvolverem e se firmarem de uma forma mais equilibrada na vida.

Um jovem casal precisa de tempo para adaptar-se. Algo natural e normal. Embora o período de namoro tenha sido uma oportunidade para se conhecerem, há facetas da personalidade e do caráter que são revelados apenas dentro do casamento. E um bebê nesta hora tornaria mais complexa esta adaptação à vida a dois, tão importante logo após o matrimônio (Woolsey, 1987, p. 43).

1.3. EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA

O desenfreado crescimento da população tem causado sérios problemas, principalmente em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Juntamente com esta explosão demográfica alguns problemas surgem tais como contaminação ambiental, fome, crimes, problemas com transporte e muitos outros (ver estudo detalhado destes problemas em Woolsey, 1987, p. 44).

Além disso, os pais a cada dia têm menos tempo para os filhos, deixando de suprir suas necessidades emocionais, afetivas e físicas. Os custos de vida e

educação por outro lado, estão sempre mais altos e o rendimento familiar não proporciona estabilidade para quatro, cinco ou mais filhos.

No passado ter muitos filhos significava riqueza e fonte de trabalho, e até segurança militar, em consequência disso as famílias eram grandes e numerosas, embora também tivessem suas desvantagens. Não eram difíceis de encontrar mães prejudicadas, bebês enfermos e crianças sem uma educação personalizada.

Neste sentido a contracepção pode ajudar. As mães são preservadas com mais saúde e capacidade para educar seus filhos, as crianças recebem um tratamento especial e personalizado na educação e o pai pode com seus recursos atender adequadamente as necessidades de sua família. Para isto as pessoas tiveram que recorrer a métodos contraceptivos naturais ou aqueles desenvolvidos pela medicina para sabiamente planejarem suas famílias e melhorarem a qualidade e o bem estar de seus componentes.

Contudo, algo deve ser dito sobre a explosão demográfica. Se por um lado o aumento populacional desregrado é prejudicial, a falta de crescimento acarreta problemas tão graves ou piores. O aumento de pessoas com idade avançada e a diminuição de pessoas jovens na sociedade causam problemas tais como falta de força de trabalho, sobrecarga dos recursos públicos para saúde, seguro social e conseqüente aumento de impostos. Por isto, muitos países que fizeram no passado programas de controle de natalidade, estão hoje incentivando o crescimento populacional e até mesmo chamando pessoas de outras partes do mundo para habitarem suas áreas com baixo crescimento de natalidade (ver Davis, 1993, p. 46-49). O estudo de Davis apresenta inclusive exemplos de países como Coréia do Sul, Singapura, Taiwan e Hong Kong que possuem uma alta densidade demográfica, e que estão utilizando este quadro para tornarem-se líderes em produção de produtos

de alta tecnologia, utilizando a força de trabalho e grande quantidade de mentes pensantes (Ibid.).

1.4. ORDENANÇA BÍBLICA

“Multiplicai-vos e enchei a Terra” (Gn. 1:28). Foi a ordem dada pelo Criador. Ao findar a criação, homem e mulher foram abençoados por Deus. Uma bênção de fertilidade, para que o mundo se enchesse de seres humanos a semelhança de Adão e Eva e em consequência a semelhança do próprio Deus.

É importante notar alguns aspectos com respeito a esta ordenança tais como o tempo, a ocasião, a situação, o ambiente, etc. Após a criação Adão e Eva eram os únicos seres humanos a habitarem a Terra. Existia alimento em abundância, a educação era proporcionada pelo Criador e não precisavam se preocupar com moradia e vestimentas. Com a entrada do pecado a bênção da procriação continua e os pais ainda têm esta oportunidade. Contudo as circunstâncias mudaram, e muito. Embora um casal tenha até a possibilidade de ter muitos filhos, é importante usar a sabedoria dada por Deus para planejar a quantidade de filhos de modo a prover uma qualidade de vida melhor para a família.

Outro aspecto importante que é ressaltado por Lima é que “o número de filhos nunca foi especificado na Bíblia, como condição especial para o cumprimento da vontade divina. Ele não disse qual seria o multiplicador (...) o nascimento do primeiro filho já provoca uma multiplicação.” A Bíblia dá importância ao cuidado dos filhos também e não apenas ao multiplicar. Diz o salmista: “Os filhos são a herança do Senhor” (Sl. 127:3, RC), por isto devem ser cuidados e queridos. Em I Timóteo 5:8 Paulo afirma que: “se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel” (RC). Mais importante do que multiplicar é cuidar bem dos filhos já gerados, segundo a Bíblia (Lima, 2002, p. 58).

O que foi visto até aqui demonstra a seriedade da questão, pois por um lado há um incentivo à procriação e por outro a planejar a vinda de filhos. Muitos casais hoje em dia têm optado por métodos contraceptivos naturais ou artificiais, mas muitos deles não recebem informações sobre as implicações do uso deste ou daquele método, ou então nem mesmo discutem o assunto. O próximo capítulo apresentará a visão cristã da contracepção para que um casal possa avaliar e decidir como agirá em seu lar juntamente com seu cônjuge.

CAPÍTULO 2

CONTRACEPTIVOS DO PONTO DE VISTA CRISTÃO

É importante saber que dentro do cristianismo existem argumentos contra e a favor da contracepção. É de grande valor expor os pensamentos existentes dentro de um meio que professa utilizar a Bíblia como norma e fonte de princípios. A preocupação da ética é pesar na balança estes argumentos para que se possa aplicá-los corretamente.

2.1. ARGUMENTOS CONTRA O CONTROLE DA NATALIDADE

Existem pelo menos quatro argumentos contra o uso de métodos contraceptivos. E seus defensores os utilizam tendo como base a Bíblia. Geisler cita quatro principais argumentos: controlar é desobedecer ao mandamento de Deus; controlar é um assassinato incipiente na intenção; o propósito do sexo é a procriação; e a própria Bíblia condenou o controle de natalidade (Geisler, 1997, p.180).

2.1.1. Controlar é desobedecer ao mandamento de Deus

O primeiro mandamento expresso por Deus foi o de se multiplicar, portanto, ele deve ser seguido. Homem e mulher, com suas qualidades têm a oportunidade de compartilhar da bondade de seu Criador ao reproduzir-se. Sendo assim, deixar de seguir a orientação divina é egoísmo, dizem os defensores desta idéia. Estes pressupõem que a obrigação da vida é passá-la à frente. O texto bíblico usado para sustentar sua tese é: “Como flechas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava!” (Sl. 127:5, RA). Adotam, ainda, o ponto de vista de que a esterilidade era considerada uma maldição (Gn. 20:18; Dt. 7:14). Ao deixar de compartilhar a vida, as pessoas estariam obliterando

o plano de Deus de estender o dom da vida a tantas pessoas quanto possível (Ibid. p.180 e 181).

2.1.2. Controlar é um assassinato incipiente na intenção

Os defensores deste argumento comparam aqueles que utilizam métodos contraceptivos a um semeador que ao plantar, aplica veneno nas sementes logo que começam a germinar; ou a um sitiante que se recusa a plantar a semente no solo fértil. Dizem eles que isto é matar de antemão. Os textos utilizados para este argumento são: “Vede agora que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum Deus além de mim; Eu mato, Eu faço viver” (Dt. 32:39, RA). Assim concluem que tentar exercer uma prerrogativa divina - a não ser com o Seu consentimento - ou seja, tentar controlar a vida, é moralmente errado (Ibid. p. 181).

Grunlan demonstra de forma prática como este pensamento se apresenta: “Um casal deveria engajar-se em atividade sexual e deixar os resultados para Deus (...) estamos nos colocando no lugar de Deus (...) um casal deveria confiar em Deus desde que Ele sabe o que é bom para eles e trará os melhores resultados” (Grunlan, 1984, p. 232). Aqui entra em questão o poder de controlar a natureza. Os defensores deste pensamento acreditam que o homem não tem esta prerrogativa.

2.1.3. O propósito do sexo é a procriação

O prazer do sexo só pode ser ganho, de acordo com alguns, quando estiver ligado à intenção de procriar. O sexo não é para diversão, mas sim para procriação. O uso, portanto de dispositivos para a anticoncepção, é moralmente errado, sendo uma atitude egoísta, pois, favorece os deleites do sexo sem o dever de gerar filhos.

Este pensamento foi grandemente influenciado por Agostinho, que ao reagir ao Maniqueísmo acabou por estabelecer regras muito estritas para o relacionamento sexual. Ele dizia que para um relacionamento sexual ser sem pecado, deveria

acontecer sem o uso de contraceptivos e os frutos deveriam ocorrer da união, e acrescentava que todo ato de intercurso tinha que ter uma intenção procriadora. Sua idéia sobre o pecado original também tinha que ver com a idéia de relacionamento sexual entre Adão e Eva sem a intenção de produzirem descendência, por isto todos os descendentes daquela união nascem com o pecado original (Fromer, 1983, p. 109). Temos que notar na atitude de Agostinho seu grande fervor ao se converter do movimento maniqueísta (do qual participou dos 18-29 anos) e que se posicionava contra a concepção (ver Fromer, *Ibid.*).

Este conceito foi fortemente defendido pelo papa João Paulo VI ao publicar a encíclica *Humanae vitae*, onde se afirma que “todo ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida” (HV 11) e que há um “elo indissolúvel entre os dois significados do ato conjugal: união e procriação” (HV 12) (João Paulo VI¹ Apud Séguin, 1997, p. 73).

2.1.4. A própria Bíblia condenou o controle de natalidade

O texto utilizado é de Gênesis 38:9, onde um homem, deliberadamente se recusou a procriar. Concluem, assim, que a prática contraceptiva é errada. O verso bíblico diz: “Sabia, porém, Onã que o filho não seria tido por seu; e todas as vezes que possuía a mulher de seu irmão deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão” (RA). Este é o único caso na Bíblia em que alguém tenta impedir a procriação, ou seja, utilizar uma forma contraceptiva. E essa ação foi condenada por Deus (Geisler, *Ibid.* p. 181 e 182).

¹ PAUL VI, *La régulation des naissances. Encyclique Humanae vitae*, Montreal, Fides, 1968.

2.2. RESPOSTAS AOS ARGUMENTOS CONTRA O CONTROLE DA NATALIDADE

Embora os argumentos citados acima não devam ser totalmente desconsiderados, sua tentativa é provar, apenas, que o uso de contraceptivos está errado. Porém, no máximo, demonstram que existem certos limites, e que em cada caso, o uso dos contraceptivos deve ser avaliado. Porém, como já foi afirmado estes argumentos, não apresentam o quadro completo. São parciais em sua abordagem do assunto, deixando algumas lacunas que serão supridas a seguir com base na contra-argumentação de Geisler: o mandamento de Deus é geral, não específico; o controle de natalidade não é um assassinato incipiente; a procriação não é o único propósito para o sexo; e a Bíblia não condena o controle de natalidade em geral (Geisler, *ibid.* p. 182). Assim, procurar-se-á eliminar muitas opiniões errôneas sobre o assunto.

2.2.1. O mandamento de Deus é geral, não específico

O mandamento dado a toda a raça em geral para procriar-se, não atinge necessariamente cada indivíduo. Alguns casos específicos precisam ser avaliados. Por exemplo, aqueles que decidem não se casarem para se dedicarem a Deus, não estão pecando. Sobre isto Jesus declara: “E há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir, admita” (Mt. 19:12, RA). O celibato não é pecado. O chamado de Deus para servi-Lo se estende a pessoas solteiras e casadas.

Existem alguns casais que decidem se resguardar do relacionamento sexual por algum tempo para se dedicarem à oração. Desta forma, perdem a oportunidade do período fértil da mulher e conseqüentemente, a oportunidade de procriação. Estes casais estão utilizando, de certa forma, um método contraceptivo – a abstinência. Porém, eles não estão quebrando uma ordenança divina para se

multiplicar e encher a Terra, ao se dedicarem à oração de forma mais intensa. Paulo ainda complementa neste verso que o motivo para o casal voltar a se unir sexualmente não é por causa de motivos de procriação, mas para que o casal não seja tentado por Satanás pela incontinência (I Co. 7:5).

Além disso, se fosse para atender, estritamente, este mandamento, levando-se em conta o maior número possível de filhos, seria justificativo o casamento polígamo (indesejado por Deus), onde se obteria uma grande quantidade de filhos.

2.2.2. O controle da natalidade não é um assassinato incipiente

É preciso diferenciar entre impedir uma vida de nascer e tirar uma vida depois de ter nascido. Por isso não é pecaminoso planejar a quantidade de filhos que se pretende trazer ao mundo, de modo que cada filho possa subsistir bem. Da mesma forma como a sementeira indiscriminada num pomar, ou numa fileira de milho seria prejudicial para a qualidade e bem estar da plantinha em desenvolvimento, assim também os resultados de um lar sem planejamento poderiam trazer mais males do que bem. Geisler neste sentido afirma:

“de qualquer forma, quem limita a quantidade da vida humana não peca necessariamente. Se alguém limitasse a totalidade da vida humana, quanto à sua multiplicação, isto seria contrário ao mandamento de Deus no sentido de multiplicar a espécie humana, mas limitar alguma vida, especialmente tendo em vista fazer a vida mais viável para as vidas que já estão ali, não é errado” (Geisler, *ibid.* p. 183).

Veja que a ética não lida, apenas com o certo e o errado, mas também se importa com a qualidade de vida dos seres humanos. É ético preservar a vida e é também ético manter a vida com qualidade.

Sobre o homem poder controlar a natureza ou não, é claro dentro da visão bíblica logo nos primeiros capítulos que Deus investiu o homem de autoridade para isto, mas deu-lhe sabedoria para fazê-la da forma correta. Então se pode afirmar

como Grunlan, “A questão real é, deu-lhe Deus meios e responsabilidades para subjugar a natureza? Se Ele o fez, somos responsáveis ao realizar isto” (Grunlan, *Ibid.* p. 233).

2.2.3. A procriação não é o único propósito para o sexo

O sexo tem vários propósitos para o ser humano. Talvez o propósito básico para o sexo seja a procriação, mas existem outros. Ele é uma forma de reviver, de forma recreacional, o amor e compromisso feitos uma vez. “Um casamento humano é mais do que o acasalar. É uma união sem igual de duas pessoas para compartilharem mutuamente as experiências da vida. O sexo é um dos meios de encorajar e enriquecer aquela união” (Geisler, *Ibid.*).

Ao se calcular o período fértil de uma mulher, chega-se à conclusão de que ele abrange apenas 1/10 do tempo da sua vida de casada, ou seja, mais ou menos três anos (1000 dias). “Pareceria estranho que Deus designasse o sexo com seus impulsos durante várias décadas da sua vida, se fosse designado somente para estes breves períodos procriativos” (*Ibid.*). Um dos melhores exemplos de amor recreacional entre um homem e uma mulher encontra-se no livro Cantares de Salomão, onde o amor físico é expresso de forma patente no relato.

2.2.4. A Bíblia não condena o controle da natalidade em geral

Não se pode estabelecer uma regra de controle de natalidade calcada no episódio ocorrido com Onã em Gênesis 38:9. O ocorrido naquela passagem trata de um outro assunto. Onã estava se omitindo a produzir descendente para seu irmão mais velho, morto por Deus por sua maldade. Assim, deixou de cumprir um dever que mais tarde seria conhecido como lei do levirato. Esta lei regulamentava a situação de algum homem que morresse sem deixar descendente. Neste caso, sua viúva deveria ser tomada por seu próximo irmão, e o primogênito que nascesse da

união, levaria seu nome, para que sua descendência não desaparecesse (Dt. 25:5). Onã usou, portanto, neste caso, um método contraceptivo (coito interrompido) por motivos egoístas, pois, manteve relações sexuais sem a intenção de gerar descendentes para seu irmão.

Hoje alguém pode ter outros motivos para não ter filhos - razões higiênicas ou para o bem-estar psicológico e emocional de uma esposa sobrecarregada de filhos e deveres, dentre outros. “Em resumo, nada há na natureza que limite necessariamente o sexo à procriação e nada há na Escritura para proibir o uso dos contraceptivos quando houver uma motivação apropriada (altruísta). A pergunta não é se, mas quando os contraceptivos são moralmente permissíveis” (Ibid. p. 184).

CAPÍTULO 3

QUESTÕES POLÊMICAS SOBRE CONTRACEPTIVOS

3.1. ABORTIVOS COMO CONTRACEPTIVOS

Nesta pesquisa, procuramos não abordar o tema do aborto, pois consideramos os dois assuntos muito abrangentes, porém, sabemos que os dois envolvem assuntos de natureza ética sobre a vida. Porém, chegamos a um ponto onde os dois temas se cruzam, pois alguns dos chamados contraceptivos são na verdade abortivos. Fromer distingue os dois: “Embora tecnicamente o termo seja usado para substâncias que previnem o óvulo fertilizado de se implantar no canal endométrio e seja usado como sinônimo para contraceptivo, na verdade não é precisamente a mesma coisa. Um contraceptivo, por definição, previne a união de esperma e óvulo” (Fromer, 1983, p. 123).

Nota-se pela definição acima que há uma distinção muito grande entre um e outro. Os contraceptivos previnem a fecundação do óvulo pelo esperma, já o aborto destrói uma vida em formação. Neste caso existem alguns chamados contraceptivos que também fazem isto:

“Existem dois abortivos que são usados com mais frequência: O DIU (embora os efeitos desejados por este mecanismo não são bem conhecidos, pois a melhor teoria é que ele causa pequenas ondas de contrações no útero, tornando a implantação do óvulo impossível; contudo é classificado como abortivo), e ‘a pílula do dia seguinte’, o qual possui uma dose alta de estrógenos que são tomados depois do intercurso sexual ter ocorrido. A pílula do dia seguinte, contudo, tem grandes efeitos colaterais. É normalmente usada para mulheres que foram estupradas” (Ibid.).

Muitos acreditam que para o caso do DIU depende da forma como se encara a transição do óvulo para o útero - o que ocorre lá dentro. Os dois grupos divergentes manifestam-se assim:

“Aqueles que vêem os abortivos como moralmente lícito, vêem aquele grupo de células apenas como um conjunto de células indistintas que aconteceram de se juntarem por uma relação sexual. Nesta junção de células, ou seja, neste emaranhado, cada célula é uma célula; não tem nenhuma função humana relacionada, nem estão ligadas a algum órgão ou sistema do corpo” (Ibid). Olhando por este ângulo parece não haver diferença entre destruir este sistema de células e destruir células sexuais individuais. Contudo, existe outro grupo de especialista que vêem o fato diferentemente. “Aqueles que vêem os abortivos como moralmente ilícitos vêem o grupo de células como uma pessoa em potencial porque têm todas as características genéticas de uma pessoa.” (Ibid.). Portanto, quem faz uso deste dispositivo deve estar a par das discussões e das implicações do uso do DIU. É digno de nota que também outros autores pesquisados afirmam que este dispositivo é classificado como abortivo (ver Lahaye, 1976 p. 189; Keane, 1977, p. 127; Grunlan, 1984, p. 240; Davis, 1993, p. 19 e 39; Lima, 2002, p. 68), embora a maioria também reconheça a contínua polêmica existente.

No caso da pílula do dia seguinte, já legalizada e usada em muitos países, foi altamente combatida pela igreja católica quando regulamentada também nos Estados Unidos em 1996. “Segundo a entidade norte-americana, a droga pode ser usada por mulheres que estejam até na sétima semana de gravidez” (Agências Internacionais, 1996). Desta forma, não se recomenda o uso da pílula do dia seguinte, pois destrói um organismo vivo e produz um tipo de aborto num período inicial de desenvolvimento do ser.

3.2. PRESERVATIVO CONSIDERADO COMO MAL MENOR

Assunto também bastante polêmico é o incentivo dado por algumas entidades de saúde para o uso de camisinhas. Elas defendem o uso com a intenção

de acabar com a propagação da AIDS, e doenças sexualmente transmissíveis e promovem o chamado “sexo seguro”.

Diante de uma situação tão difícil em que se encontra a sociedade, os políticos e até mesmo alguns religiosos consideram o preservativo como um mal menor. Um meio para conter a onda de doenças e gastos extras com saúde e medicamentos.

Sabe-se, porém, que o melhor meio para acabar com doenças sexualmente transmissíveis é a prática do sexo “seguro” dentro do casamento, e abstinência fora dele. Neste sentido a igreja católica é altamente conservadora, como pode ser visto na da declaração de João Paulo II, em 1989: “Uma prevenção de inspiração egoísta, que reivindica considerações incompatíveis com valores prioritários da vida e do amor, nada mais é do que um ato ilícito, contraditório, amenizando o problema sem atacá-lo na raiz”. (Freire e Redação, 1996). Porém, em 1996, uma comissão católica declarou na França: “Se por causa de um comportamento sexual condenável alguém pode vir a transmitir a AIDS, e, portanto a morte, é melhor usar o preservativo. É o mal menor”. (Ibid.). No mesmo artigo Busery, um dos porta-vozes da comissão católica da França, aconselhando um católico solteiro contaminado por causa do uso de drogas injetáveis e que quisesse casar, disse: “Se você acha que pode se contaminar e se matar, ou matar alguém, é melhor usar o preservativo” (Ibid.).

Apesar desta aparente abertura a posição oficial da igreja católica sempre foi contra o uso do mesmo: ‘Para a igreja, a prevenção da AIDS é decorrência da observância da monogamia e, fora do casamento, da castidade’, disse Henry Busery, 36, secretário-geral da Comissão Social dos Bispos da França. (Ibid.)

Quanto ao uso do preservativo dentro dos limites do casamento, não se vê problemas éticos, pois como alguns outros ele pode, apenas, prevenir

espermatozóides de fecundarem o óvulo. O conselho de Lima sobre isto é válido: “O que temos orientado é que, havendo necessidade, pode se usado sem que contrarie a ética cristã, visto que não se trata de método que violente a natureza, ou o funcionamento do corpo da mulher” (Lima, 2002, p. 68).

3.3. ESTERILIZAÇÃO

Este método contraceptivo é posto como o método definitivo para se impedir a procriação de filhos. Portanto um método que na maioria das vezes não pode ser revertido. Existem vários pontos de vista quanto a este assunto. De um lado a igreja católica e os judeus que não admitem de forma alguma este método, e do outro, protestantes evangélicos. O autor Kubo escrevendo a este respeito, coloca a esterilização no mesmo nível que a contracepção, “embora geralmente irreversível e exigindo maior cautela, todavia a esterilização recai no mesmo nível que a contracepção. Se empreendida após marido e esposa terem considerado todos os fatores relevantes, a esterilização basicamente não é diferente da contracepção” (Kubo, 1980, p. 92). Por terem os mesmo propósitos, ambos estão relacionados e têm, portanto as mesmas implicações éticas referentes ao controle da natureza, embora o segundo exija maior cuidado e análise prévia.

De acordo com Lebacqz, a esterilização pode ser utilizada com cinco propósitos principais: Terapêutico, contraceptivo, eugênico, social e punitivo (Lebacqz² Apud Fromer, Ibid. p. 135).

3.3.1. Terapêutico

Serve para conservar a saúde geral do corpo quando algum órgão sexual comprovadamente não está funcionando bem (Fromer, Ibid. p. 125).

² Lebacqz, K. Sterilization: ethical aspects. In *Encyclopedia of bioethics*, v. 4, p. 1609.

3.3.2. Contraceptivo

Impede o nascimento de crianças, ou limita o tamanho da família. Deve ser pensado e decidido com oração, pois é considerado um método irreversível (Lahaye, 1976, p. 194). Neste mesmo aspecto Wittschiebe orienta: “certamente qualquer pessoa que considere tal tipo de esterilização deveria se sentir livre para perguntar a opinião de seu médico, a qual deveria se fundamentar nas últimas descobertas disponíveis a ele no momento” (Wittschiebe, 1974, p. 126).

3.3.3. Eugênico

Usado quando pessoas mentalmente desequilibradas ou retardadas podem gerar filhos com as mesmas características. Muitas vezes este método é usado de forma coerciva (contra a vontade da pessoa, violando seus direitos) (Fromer, Ibid. p. 126).

3.3.4. Social

Utilizado quando se quer conter o aumento desregrado da população, contudo, muitas vezes questões de racismo podem se levantar por trás destes programas. Dizer apenas que não é justo trazer uma criança a um mundo de pobreza, miséria e violência não é motivo para um programa geral de esterilização, pois as pessoas podem estar deixando de abrir uma porta somente por estarem enxergando as circunstâncias presentes e ignorando o futuro que é difícil de prever. Neste aspecto vários líderes e pessoas cristãs de influência têm reagido às atitudes de certos países que promovem o ‘controle de natalidade’ (no sentido real da expressão). Acreditam que não é papel do Estado decidir a quantidade de filhos que um casal deve ter, nem utilizar meios coercivos, tais como aumento de impostos para aqueles que possuem mais de um filho ou até mesmo obrigar abortos

ou mesmo matar bebês que extrapolam o número de filhos estipulado pelo Governo (ver o caso da Índia, citado por Davis, 1993, p. 21).

3.3.5. Punitivo

Usado em alguns lugares para aqueles que cometem violentos atos anti-sociais, tais como estupro e crimes sexuais. “A justificativa para isto é parcialmente bíblica (teoria do ‘olho por olho’), parcialmente emocional, e parcialmente prática; um homem que é castrado não será capaz de estuprar novamente” (Fromer, Ibid. p. 128). Contudo as coisas podem piorar. Se antes o indivíduo usava seu pênis para agressão, agora ele pode usar instrumentos mortíferos. E, além disso, o papel dos médicos é curar e não punir.

Pode-se concluir que a esterilização involuntária não é certa do ponto de vista ético, pois tira o controle sobre o próprio corpo, o poder de decisão e do exercício da autonomia que cada um deve exercer segundo a vontade de Deus. Quando parte de um ato voluntário, várias orientações devem ser dadas antes de ser efetuada. Cabe aos hospitais e aos órgãos públicos informarem, e às pessoas a buscarem informações, e exigirem seus direitos, pois em certos lugares pode haver abuso e coerção no sentido da esterilização.

3.4 CONTRACEPÇÃO E INTERESSES POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS

Embora o assunto da contracepção pareça de ordem particular e pessoal, é difícil separá-lo dos interesses de ordem mais abrangente, isto é, políticos, econômicos e sociais. Este assunto afeta não especificamente uma pessoa, mas pelo menos um grupo ou um segmento significativo da população.

Várias questões podem surgir quanto à natureza das pesquisas, quanto aos gastos envolvidos pelos laboratórios. Outras perguntas tais como: Qual o método

principal através do qual a concepção deveria ser prevenida? O método deveria ser designado para o uso masculino ou feminino? Todos estes questionamentos entram em voga quando grandes montantes de dinheiro e tempo estão envolvidos.

“Algumas minorias étnicas têm feito acusações que as políticas federais e estaduais em relação a pesquisas e serviços envolvendo contraceptivos são racistas; ou sejam, negros, hispânicos e outras minorias, são mais encorajadas a praticarem o controle de natalidade do que os brancos” (Ibid. p. 116). Infelizmente, isto é algo que precisa ser enfrentado em alguns lugares.

3.5. CONTRACEPÇÃO E ADOLESCÊNCIA

Numa fase em que o ser humano está se descobrindo, é de extrema importância uma adequada informação a respeito das transformações físicas e emocionais, das funções de seus órgãos sexuais, e da maneira correta de se comportarem. Nas escolas é comum o estudo de educação sexual. Os pais deveriam conversar com seus filhos sobre estes assuntos (Hess, 1986 p. 75). Porém, o assunto da contracepção não precisa necessariamente ser abordado nesta fase, Depende muito da turma e da maturidade ali expressa. Algumas precauções devem ser tomadas, pois os alunos ainda estão na faixa abaixo de 16 anos (Ibid, p. 86).

O conteúdo da aula vai depender do amadurecimento da classe em que o professor de biologia está atuando, e também da conversa e contato que este professor tem com os pais, onde discutirá as questões envolvidas e procurará receber ou não o consentimento deles para o ensino das técnicas anticoncepcionais. O mais importante nesta fase seria abordar assuntos sobre moral, comportamento, namoro, recato antes do casamento, funcionamento do corpo, curiosidades e dúvidas. Situações pelas quais os adolescentes estão passando no momento.

3.6. CONTRACEPÇÃO E JUVENTUDE

Época em que o indivíduo está mais exposto aos seus instintos e apetites, o jovem deve ser orientado a guardar para o casamento o prazer sexual. Porém, o meio e a sociedade cobram o despertar da sexualidade sem que o jovem esteja maduro psicologicamente, mentalmente e espiritualmente. Ensinam um tipo de comportamento livre, sem repressão. Já a moral bíblica se coloca contrária a este tipo de comportamento, Dr. Natanael Moraes sintetiza a visão bíblica do sexo já a partir do Gênesis que serve como padrão para os jovens solteiros interessados em seguir as orientações do Criador da raça humana:

“(1) uma atividade a ser precedida por um juramento de fidelidade e solidariedade, (2) uma relação exclusiva do concerto matrimonial, (3) embasada em amor, (4) que reconhece a legitimidade do prazer sexual como privilégio da união conjugal monogâmica, (5) e a legitimidade da procriação, (6) cumprindo a estipulação divina de formar uma sociedade humana, (7) que através da relação marido-mulher reflita a imagem de Deus” (Moraes, 2001, p. 51).

Durante a juventude, há ainda, um contraste ou disparidade entre o físico e o emocional. Enquanto o físico já está maduro, ou melhor, já tem a capacidade para exercer a função sexual, a parte emocional está em desenvolvimento. Para poder desfrutar adequadamente da vida sexual, o jovem precisa esperar até que esteja estabilizado também emocionalmente, sabendo assim, utilizar sabiamente a sexualidade, ou seja, dentro de um casamento equilibrado e ajustado.

Os métodos contraceptivos são, muitas vezes, a saída para a prática desequilibrada e deturpada do sexo. Sendo um mal e não um bem. Não há nada de errado em um jovem saber como utilizar métodos anticoncepcionais, porém é necessário apresentar a forma e a época correta para o emprego destes recursos. Devem portanto ser encorajados a se resguardarem para o casamento. Sobre o propósito do sexo no seu lugar correto Davis declara:

“A sexualidade humana dentro dos limites do casamento deve ser uma imagem do puro e devoto amor de Cristo por Sua igreja (cf. Ef. 5:23-33). O intercurso promíscuo nega a permanência, a pureza, a exclusividade e o profundo comprometimento que Deus pretendia que a sexualidade humana representasse no casamento. O intercurso promíscuo separa as funções unitivas e procriativas da sexualidade humana, as quais Deus planejava fossem ligadas no casamento” (Davis, Ibid. p. 42).

O papel de um jovem em relação à contracepção, portanto, é a de conhecer suas implicações e não utilizá-la fora dos limites do casamento, pois como afirma Thielicke:

“a sexualidade perde sua natureza essencial quando praticada fora do casamento sem nenhum respeito à individualidade do parceiro (falhando, assim, em ser “amor” no sentido completo) e recusando aceitar a paternidade. Esta perda da natureza essencial da sexualidade estaria indicando que a contracepção praticada sob estas circunstâncias é apenas um sintoma de um problema maior” (Thielicke, 1964, p. 201 e 202).

CONCLUSÃO

Existe uma grande responsabilidade ao se constituir uma família. Apesar de parecer recair todo o peso sobre pais e mães, Deus está conduzindo e auxiliando em todos os momentos a dedicação daqueles que esperam construir seus lares de acordo com Sua vontade. Começar bem é sempre importante, por isso é necessário um cuidadoso planejamento.

Os métodos contraceptivos estão à disposição como meios de ajudar nesta sábia planificação. Eles também contribuem para a felicidade do casal enquanto não tem filhos, quando preferem um maior espaço de tempo entre o nascimento de um e o de outro, ou quando querem parar com o processo de procriação.

Usado da forma correta podem ser uma bênção, porém da forma errada, podem trazer muita infelicidade e desapontamento, isto é, fora do casamento e de forma forçada, ou induzida. Na sociedade moderna os preservativos e contraceptivos têm incentivado uma conduta sexual promíscua, e longe dos padrões deixados pelo Criador. E os resultados do “sexo livre” já se apresentam diante da sociedade através dos problemas cada vez maiores que tem causado.

Várias outras questões estão envolvidas por trás da contracepção. As campanhas de controle de natalidade nem sempre são efetuadas de forma inocente e com bons interesses. Muitas vezes questões raciais, políticas e financeiras podem estar incutidas nestes programas.

Atualmente, muitos ainda procuram saber quais são os padrões morais éticos, mas infelizmente em certos lugares, tais padrões não são seguidos. Também cada vez mais freqüente, algumas sociedades rejeitam os padrões éticos considerados corretos e adotam outros que justifiquem suas práticas.

O cristão deve posicionar-se diante desta realidade e com sabedoria optar pelo que é melhor para si e para aqueles que estão envolvidos, posicionando-se

dentro dos conceitos ético-bíblico-cristãos, desta forma, agradando a Deus e proporcionando a si mesmo e aqueles ao seu redor uma vida mais feliz.

BIBLIOGRAFIA

1. AGÊNCIAS INTERNACIONAIS. Igreja rejeita uso de pílula abortiva. **Folha de São Paulo**, 23 jul. 1996.
2. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição Revista e Atualizada. 2. ed.
3. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo Sociedade Bíblica do Brasil, 1971. Edição Revista e Corrigida.
4. DAVIS, John Jefferson. **Evangelical Ethics, Issues Facing the Church Today**. 2. ed. Phillipsburg/NJ: Presbyterian and Reformed Press, 1993.
5. FREIRE, Vinícius T. de; REDAÇÃO. Preservativo é mal menor, diz padre. **Folha de São Paulo**, 15 de fev. 1996.
6. FROMER, Margot J et al. **Ethical Issues in Sexuality & Reproduction**. 9. ed. St. Louis/MO: C.V. Mosby Company, 1983.
7. GEISLER, Norman L. **Ética Cristã**. 1. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997.
8. GRUNLAN, Stephen A. **Marriage and Family – A Christian Perspective**. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1984.
9. HESS, Ernst. **A sexualidade na educação global, orientação para pais e mestres**. 1. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
10. KEANE, Philip S., S.S. **Sexual Morality: A Catholic Perspective**. New York: Paulist Press, 1977.
11. KUBO, Sakae, **Theology and Ethics of Sex**. Nashville/TN: Review and Herald Publishing Association, 1980.
12. LAHAYE, Tim; LAHAYE, Beverly. **The Act of Marriage**. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1976.

13. _____. **O Ato Conjugal**. 7. ed. Venda Nova/MG: Editora Betânia, 1986.
14. LIMA, Elinaldo Renovato de. **Ética Cristã**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002.
15. MORAES, Natanael. **Teologia e Ética do Sexo para Solteiros: Análise Bíblico-Histórica e Proposta Adventista de Educação Sexual**. 2. ed. Engenheiro Coelho/SP: Imprensa Universitária Adventista, 2001.
16. SÉGUIN, Michel. **A Contracepção e a Igreja – Balanço e Perspectiva**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
17. THIELICKE, Helmut. **The Ethics of Sex**. 1. ed. New York/NY: Fortress Press, 1964.
18. WOOLSEY, Raymond H. **Sexo Cristiano y Planificación Familiar**. 1. ed. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1987.
19. WITTSCHIEBE, Charles. **God Invented Sex**. 2. ed. Nashville/TN: Southern Publishing Association, 1974.